

Quanto a Juliano, morto em pleno céu de glória, quando acabava de esmagar o exército persa de Sapor I, recordemos simplesmente seu fim comovente e a legendária descrição de seus últimos momentos ³¹.

Quando ao seu redor a batalha estava no auge, Juliano recebeu em pleno peito uma azagaia romana lançada pela mão celerada de um homem "que se recusava a honrar os deuses", segundo a expressão do historiógrafo Libanius.

Ao transportarem o imperador para a sua tenda, Juliano perguntou o nome do lugar em que se encontrava. Um centurião respondeu-lhe que se achavam nos "Campos frígios". Ora, uma predição do mago Máximo de Éfeso anunciara ao imperador que jamais se deveria dirigir a esse lugar. Tudo se consumava à hora certa. E o príncipe não se surpreendeu. Por que, segundo uma frase de Chateaubriand, "Juliano foi destruído pelas gerações que pretendia conservar: elas jogaram-no ao chão apesar de sua força e passaram sobre o seu peito".

Os amigos de Juliano, o prefeito Salústio, o teúrgo Máximo e todos os oficiais de sua guarda estiveram à cabeceira do agonizante. "É uma humilhação para todos nós, disse ele, que choreis por um príncipe cuja alma subirá em breve para o céu e confundir-se-á com o fogo das estrelas". Os derradeiros momentos de Juliano foram então empregados em dissertar com Máximo e Priscus sobre a vida futura e a imortalidade da alma e esse texto foi lido para o moribundo por seus "diretores espirituais":

Quando houveres submetido ao teu cetro a raça dos persas,
Até à Selêucia perseguindo-os a golpes de espada,
Para o Olimpo então subirás num carro de fogo
Que a região das tempestades sacudirá nos seus turbilhões.
Liberado do sofrimento doloroso de teus membros mortais
Atingirás a luz etérea da corte real de teu pai,
de onde te extraviaste quando vieste habitar no corpo de um homem.

Quando o imperador exalou o último suspiro conta-nos a lenda que se viu duas almas escaparem de seu corpo, a sua e a de Alexandre, reincarnada em Juliano. Como duas bolas de fogo projetaram-se na noite, estrelas cadentes reunindo-se à "grande luz".

31. JULIANO morreu exatamente a 27 de junho de 363, com a idade de trinta e dois anos.

Segunda Parte

O SOL DOS MORTOS